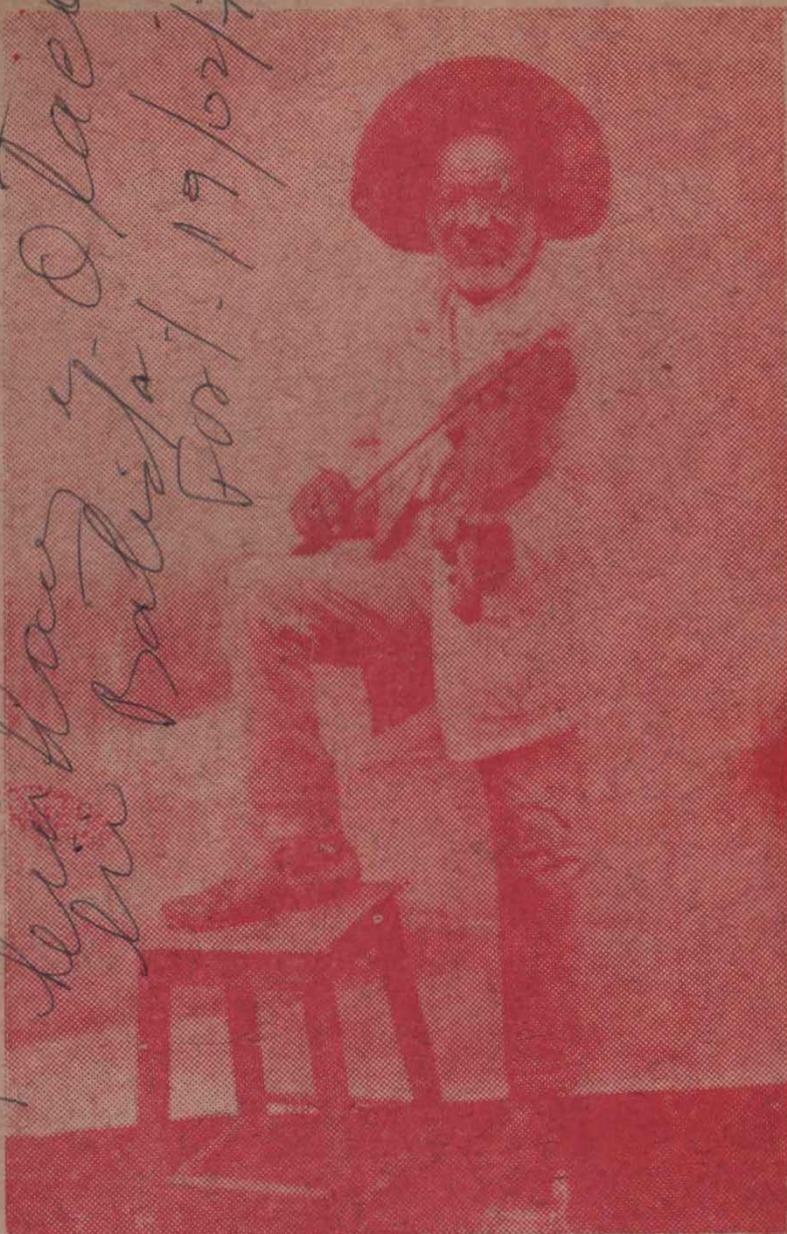


Versos de JOSÉ LIMEIRA, poeta dos Disparates

Pesquisas de OTACÍLIO BATISTA E  
DR. FRANCISCO FERREIRA LINHARES

Ho Centro de Pesquisas  
da Casa de Rui Barbosa,  
o Purgatório de Francisco

de Otacilio Batista y Otael  
Foto. 19/02/76



Sósia de José Limeira, cantador que, se tornou famoso, pelos seus disparates.

Para este ano, aguardem dos mesmos autores, Antologia ilustrada dos cantadores.

**Versos de José Limeira,**

**Poeta dos Disparates**

**Pesquisa de:**

**Otacílio Batista e Dr. Fco. Ferreira Linhares**

Apresentamos ao público leitor, versos esparsos, do poeta José Limeira, nascido em Taperuá — Paraíba.

Em virtude dos seus famosos disparates, é conhecido pela antonomásia de Poeta do Absurdo.

Iniciaremos, apresentando o elogio dado a filha do delegado de ~~Pombal, Paraíba~~.

Esta moça se parece  
Com um pé de vegetação,  
Porteira de pau a pique  
Três pneus de caminhão,  
Rabo de porco baier,  
Haja chuva no sertão!

Ela parece um limão  
Rodeado de cebola:  
A pele é muito bonita,  
Preta, amarela e crioula  
E quer saber duma coisa!  
Eu elogia-la vô-la.

Agradecendo, certa ocasião, a um ouvinte que o elogiava, saiu-se com esta:

Se fores na minha casa,  
Tem capim pra teu cavalo,  
Se tiver um filósofo  
Eu mando fotografá-lo;  
Se tiver um fotógrafo,  
Eu mando filosofá-lo!

Fazende a sua apresentação a certo público que o assistia, improvisou:

O meu nome é Zélimeira  
Que está daqui mais pra lá;  
Eu nasci na Paraíba,  
Extrema com o Paraná;  
O meu verso é porém bom,  
Etc coisa e tá!

Eu já cantei no Recife  
Bem perto de Pernambuco,  
E, lá discuti com um doutor,  
Que tinha sido maluco;  
Daí segui pra Sergipe,  
Terra de Joaquim Nabuco.

José Limeira onde canta,  
O povo escuta de longe;  
Quando eu morrer a governo,  
Manda fazer um de bronze;  
Com Cristo rezando a missa,  
No português de Camonge.

Para mostrar meu talento  
Dentro da astrologia:  
Sou vorsejador de verso,  
Cantador de cantoria  
E o mundo tem quatro V  
Oropa, França e Bahia

Eu outro dia cantei,  
Com o velho Mané Raimundo,  
Peguei D. Pedro I,  
Soltei D. Pedro II;  
Dei um cangapé no mar,  
Fiquei boiando no fundo.

Cantando em Cacimba de Areias, para uma assistência de pessoas católicas, penetrou no Novo Testamento:

Jesus obrou 10 milagres,  
Dentro de Cafarnaum;  
Mas eu não sei se foi dois,  
Se foi três ou mesmo um;  
Nas praias do Cariri  
Vi um casal de siri  
Sem compromisso nenhum!

Jesus nasceu neste mundo  
Só para fazer justiça,  
Com 12 anos de idade,  
Discuti com a doutoriça;  
Com quatro meses depois,  
Sentou praça na "poliça"

A virgem Maria estava,  
Bringando com S. José;  
Você vendeu a jumenta  
Me deixou andando a pé,  
Desta maneira, eu termino  
Voltando pra Nazaré!

Nisso gritou, S. José:  
Maria, deixa de asneira!  
Vou comprar outra jumenta  
Do jeitinho da primeira,  
Quando ouvirem uma zuada  
No descer duma ladeira.

Era um caminhão de feira  
Que vinha da Galiléia;  
S. José disse, eu vou ver  
Se tem canto na boléia,  
Que possa levar nós três  
Até perto da Judéia!

S. José deu com a mão,  
O motorista parou;  
Tem três cantos pra nós três?  
Jesus foi quem perguntou;  
Disse o motorista tem!  
Jesus respondeu, eu vou!

S. José coçando a barba,  
Deu um grito, eu vou também!  
A virgem Maria disse:  
E eu ficarei com quem?  
O motorista me leva,  
Nem que me deixe em Belém!

E foram subindo os três,  
Disse o motorista, para!  
A gasolina subiu,  
A passagem é muito cara,  
Voces estarão pensando  
Que meu carro é pau de arara?

S. José ergueu a vara  
Pra bater no motorista  
Jesus tremendo de medo  
Saltou para o meio da pista  
Me respeite, que sou primo  
Do finado João Batista!

S. José puxou da faca  
Para furar os "Pneus";  
Jesus já muito amarelo,  
Disse assim, quando desceu:  
Valha-me N. Senhora  
Que diabo fizemos eu!

Esgotado seu repertório bíblico, mudou para história geral:

Napoleão era um  
Bom capitão de navio,  
Sofria de tosse "braba"  
No tempo que era sadio;  
Foi poeta demagogo,  
Numa coivara de fogo,  
Morreu tremendo de frio.

César de Roma era tio  
De Casimiro de Abreu,  
Por ser mesmo analfabeto  
Nem o próprio O Conheceu,  
Em busca da vida eterna:  
Salomão abriu da perna,  
Nunca mais apareceu!

Numa cidade do interior da Bahia, alguém, que se apresentou como amigo do chefe de Polícia, deu-lhe o mote: Viva o chefe de Polícia!

Jesus nasceu em Belém,  
Num dia de trovoadas,  
As quatro da madrugada,  
Como a história diz bem,  
Meio dia pegaram o trem  
Ele e a família "Castiça";  
Dez horas, ouviram missa  
Numa tarde de domingo,  
Nisso disse o negro Cingo:  
Viva o chefe de Polícia!

Fugindo ao mote, mas dentro das Escrituras, continuou:

A virgem de Nazaré  
Não gostava do evangelho,  
Casou-se com um cabra velho  
Por nome de São José;  
Ele tomava rapé,  
Mascava fumo e bebia;  
A Santa virgem Maria,  
Um certo dia reclamou,  
O velhinho se zangou  
Quase não nasce o Messias

Jesus na velha Judeia  
Estando com o Bom ladrão  
Evitou uma discussão  
De Jacó com Arimatea  
Pedro com sua faca "vea"  
Partiu em cima de "Dima",  
Nisso Abraão se aproxima,  
Saiu com Pedro embolado:  
Deixando-o crucificado  
Com os dois "Calcanhar" pra cima.

Glosando sobre o mote: o aboio do vaqueiro  
Nas quebradas do sertão

Quando é de madrugada,  
O vaqueiro do prefeito  
Vai correndo satisfeito,  
Atrás da vaca deitada,  
Sem vida, decapitada,  
Morta sozinha no chão;

A desgraça de Sansão,  
Foi trair Pedro I:  
O aboio do vaqueiro  
Nas quebradas do sertão  
São 150 réis  
Noventa e cinco garrote,  
Tudo correndo a pinote,  
No dia quinze do mês;  
O cavalo é holandês,  
O vaqueiro é alusão,  
A fogueira, é de S. João  
E o mês é de janeiro:  
O aboio do vaqueiro  
Nas quebradas do sertão.

Na antiga vila de Brejinho, estado de Pernambuco, um cidadão que lia Casimiro de Abreu, pediu a Zelimeira, que fizesse uma décima, no mote:

Que os anos não trazem mais!

Sem se fazer de rogado, improvisou:

O grande Tomé de Sousa  
Quando chegou na Bahia  
Casou-se no mesmo dia,  
Não deu certo com a esposa,  
Fez pior do que raposa,  
Entrou pelos matagais  
E ao passar pelo cais,  
Onde o navio traiega  
Brigou com o padre Nobrega  
Que os anos não trazem mais!

Frei Henrique de Coimbra  
Viajando de avião,  
Largou o quengo no chão,  
Caiu dentro da cacimba;  
Um índio Piratininga,  
Deu-lhe um pontapé por trás:  
O chefe dos canibais  
Vendo a cousa muita preta,  
Deu parte ao padre Anchieta,  
Que os anos não trazem mais!

Cantando certa ocasião, no sítio Jurema — Paraiba, um dos assistentes pediu-lhe para cantar algo sobre conhecimentos gerais. Zelimeira o satisfez, cantando um galope a beira-mar:

Eu muito admiro o peixe pipoca,  
É contra parente do peixe verdete,  
Colega de infância do peixe porrete,  
E grande inimigo do peixe minhoca,  
O peixe Zebu, na hora que choca,  
Tem uma gaveta pra o peixe urinar;  
O peixe lascado não sabe nadar,  
Na hora que nada, termina zambeta,  
É primo segundo do peixe caceta,  
Que é um peixe tarado da beira do mar

Conheço, demais, o rio Paraiba  
Que nasce, sozinho, lá dentro da praia;  
Parece um cambito de pau de "cangaia",  
As suas enchentes tem mel de tubiba,  
Na frente recebe, o rio Furiba,  
E passa correndo pra Madagascar;  
Alaga Recife, demora em Dacar,  
No tempo de inverno é seco demais;  
Foi quando "Oliveiro", enfrentou Ferrabrás;  
Que luta Paí degua, na beira do mar!

Bonito, é se ver o Rio "Amazona"  
Que nasce na serra do serrote Preto;  
Matou o poeta Tobias Barreto,  
Debaixo do pé de manga azeitona;  
Dizem que esse rio, gosta duma dona  
E o pai não consente, o rio casar,  
Largura e tamanho, eu sei calcular,  
Tem hora que desce de rios abaixo:  
Só canta comigo, cabra que for macho,  
Descrevendo os rios da beira do mar!

Apesar de o soneto ser de estilo clássico, Zelimeira, por solicitação de amigos, tentou escrever três em sentidos diversos, no que foi bem sucedido.

O primeiro, foi intitulado — MULHER ADULTERA

Cinco touros brincavam no quintal,  
Dez galinhas brigavam no terreiro,  
Três navios no Rio de Janeiro,  
Navegam pensando em Portugal,  
Recordando a viagem de Cabral,  
De Colombo e um tal de Omar Kaian  
E um cachorro às três horas da manhã,  
Trafegava do Rio à capital.

Fidel Castro, o maior lá de Havana,  
Zangou-se, e agarrou uma cigana  
E mandou que a botas na prisão!

E Getúlio dizia a Salasar:  
Nós, agora, podemos processar,  
Virgolino Ferreira Lampião.

O segundo soneto que escreveu, o intitulou de PERFUME  
DE FLOR

Um urubu voava no espaço,  
Buscando carniça petrefata,  
Engasgado com casca de batata,  
Vomitou na cabeça de um cabaço.

Depois, lentamente, passo a passo,  
Ele disse: essa vida é tão ingrata!  
Pois viver lá por cima, é cousa chata,  
Vou dormir sobre as grades dum terraço!

Diz o povo que o espaço é cousa rica,  
Mas quem vai para lá, por lá não fica  
E o diabo é quem vai, só, cortar jaca!

Ao findar a conversa foi descendo;  
Logo cedo um rapaz o viu comendo  
Merda seca na ponta duma estaca.

O terceiro, intitulou de SAÚDE DE FERRO

Um jumento ciscava num quintal,  
Procurando fagulhas de xerém,  
Ao comer o xerém, não se deu bem:  
Como não se deu bem, sentiu-se mal!

Lá por fora, passava o carnaval,  
E o jumento correu dando sopapo,  
O xerém quis inchar dentro do papo  
E rinchando dizia ao peccal:

Eu comi uma comida e me ofendeu!  
Me ensine um remédio para eu  
Ficar bom da doença, que eu tomo!

Ensinaram Saúde das mulheres,  
O jumento bebeu trinta colheres  
E vomitou o xerém para o rei momo.

7800 dupl.